

# REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

---

TOMO I — 3º TRIMESTRE DE 1839 — N. 3

---

## PROGRAMMA

**Sorteado na sessão de 4 de Fevereiro deste anno**

«Se a introdução dos escravos africanos no Brazil embaraça a civilização dos nossos indigenas, dispensando-se-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuizo que soffre a lavoura Brasileira?»

Desenvolvido na sessão de 16, pelo conage J. da Cunha Barbosa, secretario perpetuo do Instituto

Antes de expender a minha opinião sobre este Programma, devo declarar, que não sou patrono da escravidão, nem dos indios, nem dos negros; e por isso considero a liberdade como um dos melhores instrumentos da civilização dos povos.

A Escriptura nos ensina que logo que no Egypto se abriu um mercado de homens, os irmãos de José se apoderaram delle, e o venderam a mercadores egypcios. A Historia tambem nos conta que, logo que na Asia e na Grecia se abriram mercados deste genero, a terra e o mar se cobriram de saltadores e de piratas, que preavam innocentes victimas, e traficavam sobre sua liberdade. Em qualquer parte em que o homem fôr reduzido a uma mercadoria, não haverá crime, que a cobiça não commetta, para augmentar sua fortuna. A humanidade resente-se d'esses crimes; e o unico sentimento nobre, que resta a um desgracado captivo, é o da sua perdida liberdade, que muitas vezes o atira de seus ferros a terriveis empresas. Roma e outras nações nos offerecem infinitas provas d'esta verdade.

Lançando uma vista rapida sobre a escravidão, em que gemeram os indios do Brazil, desde a descoberta deste continente, até que leis mais humanas lhes quebrassem os ferros, acharemos a causa principal do retardamento da sua civilização na barbara cobiça, com que os portuguezes os caçavam como feras em suas mattas, para os empregar em duros trabalhos á sombra das missões, em que se lhes pregava a religião d'um Deos de paz, de liberdade e de doçura. Os termos, em que foi



concebida a celebre Bulla do Papa Paulo III aos 9 de Julho de 1537, declarando os *indios da America homens racionais e libertos*, manifestam, não tanto a crassa ignorancia dos hespanhões conquistadores do Mexico e Perú, como a barbaridade, com que tratavam esses indios, formando de suas carnes açougues publicos para sustentação de seus cães. Os maiores excessos de crueldades a que os indios se entregavam, eram represalias pela crueldades que soffriam, servindo mais á conquista da America de extinguir, em poucos annos, milhões de seus habitantes, do que de civilisa-los pelas santas maximas do christianismo. O grande padre Vieira na informação que deu a El-Rei, em 31 de Julho de 1678, diz com bastante experiencia, adquirida na missão do Brazil, o seguinte, que bem aclara o que tenho avançado: — «Sendo o Maranhão conquistado no anno de 1615, havendo achado os portuguezes d'esta cidade de S. Luiz até o Gurupá mais de quinhentas povoações de indios, todas muito numerosas, e algumas d'ellas tanto, que deitavam quatro e cinco mil arcos, quando eu cheguei ao Maranhão, que foi no anno de 1652, tudo isto estava despovoado, consumido e reduzido a mui poucas aldeotas, de todas as quaes não pôde André Vidal ajuntar oitocentos indios de armas; e toda aquella immensidade de gente se acabou, ou nós a acabamos em pouco mais de trinta annos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até aquelle tempo *eram mortos dos ditos indios mais de dois milhões de almas*, d'onde se deve notar muito duas cousas: A primeira, que todos estes indios eram naturaes d'aquellas mesmas terras, onde os achamos; com que se não pôde attribuir tanta mortandade á mudança o differença do clima, senão ao excessivo, desacostumado trabalho e á oppressão com que eram tratados: A segunda, que n'este mesmo tempo estando os sertões abertos e fazendo-se continuas entradas nelles, foram tambem infinitos os captivos, com que se enchem as casas e as fazendas dos portuguezes; e tudo se consumiu em tão poucos annos.

A causa unica e original de toda esta destruição e miseria, não foi, nem é outra que a insaciavel cobiça e impiedade d'aquelles moradores, e dos que lá os vão governar; e ainda de muitos ecclesiasticos, que sem sciencia, nem consciencia, julgavam licitas estas tyrannias, ou as executavam, como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes indios o serem já christãos, ou vassallos do mesmo Rei, para não lhes assaltarem em suas aldeas, e os trazerem inteiramente captivos, sem mais direito (como eu ouvi aos mesmos capitães d'aquellas tropas), que o de poderem mais que elles.»

O padre Vieira usou, nesta informação a El-Rei, de toda a eloquencia e força de raciocínio, que lhe era mui propria, para defender a liberdade dos indios, ou reviver a execução de leis anteriores a este respeito. Mas foi tal o seu zelo nesta parte, que esquecido de que a escravidão obstava a civilisação dos indigenas, foi de parecer, que o governo introduzisse, nos Estados do Grão-Pará e Maranhão, escravos negros, que se occupassem



dos trabalhos da lavoura e outras fabricas, para os quaes já faltavam indios.

Assim o eloquente e apostolico missionario, offereceu novo embarço á civilisação dos seus convertidos, querendo que se transportassem os barbaros africanos, que vieram tambem lavrar as terras do Brazil como bestas de carga, passando-se a elles a cubica dos desalamados portuguezes (\*).

No voto, que o padre Vieira tambem deu (datado da Bahia a 12 de Julho de 1694), sobre as duvidas dos moradores de S. Paulo, ácerca da administração dos indios, expressa-se o dito padre com bastante calor em prol da liberdade dos indios. Nem vos seja pesado que eu vos faça alguns extractos deste excellente documento para nossa Historia, escripto por um homem tão circumspecto, e tão versado nas cousas do Brazil. — «São pois os indios (diz elle no principio de seu voto), aquelles que, vivendo livres e senhores naturaes das suas terras, foram arrancados d'ellas por summa violencia e tyrannia, e trazidos em ferros com a crueldade que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas legoas, até chegarem ás terras de S. Paulo, onde os moradores dellas (que d'aqui por diante chamaremos Paulistas), ou os vendiam, ou se serviam e se servem d'elles como escravos. Esta é a injustiça, esta a miseria, este o estado presente, e isto o que são os indios em S. Paulo.»

Depois contina elle d'este modo, fallando da obrigação, em que pretendiam ficar os administradores, de dar ao indio o sustento, o vestido, a cura nas enfermidades e a doutrina, e *qualquer outra coisa, ou nimo dado da tempo em tempo no decurso do anno* — «O que aqui se chama *alguma coisa*, significa coisa pouca e incerta, sendo que a paga deve ser certa e deter-

---

(\*) Não nos será preciso procurar na Historia as épocas, em que foram introduzidos, nas diversas capitánias do novo continente, os escravos africanos; mas sabe-se, pelo que escreve Berredo, nos «*Anaes do Grão-Pará e Maranhão*», que no anno de 1683 o povo ali se amotinara contra os administradores da companhia autorizada pelo governo, porque de 500 negros da Costa d'Africa, pela taxa ajustada de 100\$ rs. cada cabeça, que se obrigaram a metter todos os annos em uma e outra capitania, caminhando-se já para o segundo de seu estabelecimento, nenhum até então se tinha visto nellas. D'isto se collige, que já era grande a falta de indios, que costumavam empregar em seus trabalhos, até porque se os podessem haver a 4\$ rs., como sempre os compravam, de certo se não sujeitariam a paga-los por 100\$ rs. cada um dos 500, que a companhia se obrigara a introduzir; e muito menos se revoltariam contra os seus monopolistas, porque nem um só haviam introduzido, sendo aliás obrigados a isso pelo contracto approved pelo governo (\*\*).

(\*\*) Em 1583 lavrou-se nesta cidade do Rio de Janeiro um auto de avença, que Salvador Corréa de Sá, como governador e provedor da fazenda real, fez com João Gutierrez Vallerio, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que de Africa conduzisse no seu navio.



minada, ou taxada pela lei, ou pela convenção do trabalhador com quem o aluga.

A razão, a escusa, que se dá de ser esta chamada paga tão rara, e tão tenue, é ser os índios naturalmente preguiçosos, e de pouco trabalho; mas as pessoas muito praticas d'aquella terra, e muito fidedignas, affirmam que os Paulistas geralmente se servem dos ditos índios de pela manhã até noite, como o fazem os negros do Brazil, e que nas cañlas de S. Paulo a Santos não só vão carregados como homens, mas sobrecarregados como aze-molaa, quasi todos nus ou cingidos com um trapo, e com uma espiga de milho para ração de cada dia.»

Accresce o deshumano procedimento, que por esses tempos tinham os Paulistas para com os miseraveis índios; e em prova disso citarei ainda o mesmo padre Vieira, quando diz: — «E quando menos se não devem esquecer (os administradores) das muitas mil almas, que trouxeram de suas reduções do Paraguay, onde todos eram christãos, e os vieram seguindo, como seus pastores, o padre Simão Maceta, e o padre Justo Manzilla, e procuravam no governo da Bahia a sua restituição e liberdade, massem effeito. E do mesmo lote eram aquelles que cercados em uma grande igreja, em dia de festa, os metteram em correntes, matando á espingarda o seu parcho, porque os quiz defender, e outros muitos deste genero.» — Desprezavam-se, ou illudiam-se d'est'arte as beneficás leis, promulgadas pelos monarchas D. Manoel, D. João III, D. Filipe II, D. Filipe IV e pelo principe regente D. Pedro, nos annos de 1570, 1587, 1595, 1609, 1611, 1647 e 1655, declarando todos que se devia conservar a liberdade dos índios; e porque algumas permittiam o captivo em guerras, que fossem bem fundadas, decidia afinal a lei promulgada por D. Filipe II, que, sem interpretação alguma ficassem libertos todos os índios, assim baptisados como por baptisar, ainda que tivessem sido comprados, cujas vendas annullava, até mesmo as que fossem julgadas por sentença, por ser contra o direito natural. Mas estava reservado ao Sr. Rei D. José e ao seu grande ministro Pombal, o descarregar o decidido golpe sobre tantos abusos pela lei de 8 de Maio de 1758; e já nessa época immensas tribus estavam inteiramente destruidas, cessaram, sim, os Portuguezes de penetrar os sertões em busca dos índios para os escravisar; e voltaram-se ao trafico dos miseros africanos, que empregaram em seus trabalhos com igual barbaridade.

Resulta de tudo isto, que a escravidão foi um forte embaraço á civilisação dos índios; pois que elles, segundo o testemunho do mesmo padre Vieira, só fugiam da catechese por medo da escravidão, e desconfiados da falta de cumprimento de promessas, que se lhes faziam. Ainda assim mesmo algum progresso teria a sua civilisação, se continuassem as missões; porém, estas affrouxaram com a expulsão dos Jesuitas e acabaram de todo, com a maior introdução no Brazil dos escravos africanos. Parece que a catechese era sustentada pela cobiça de homens, que á sua sombra captivavam os índios; e esta



mesma cobiça, empregando-se em transportar africanos, esqueceu-se de todo da civilisação dos índios. Como somos de opinião que só pela catechese se podem desentranhar os indígenas de suas matas, e trazê-los aos primeiros caminhos da civilisação, cremos, por isso mesmo, que a introdução dos negros é um grande obstaculo a essa empreza.

O padre Jesuita Manoel da Nobrega, que viera com Thomé de Souza, para fundar o Collegio de Jesus na nova cidade da Bahia, e que ahi chegara a 29 de Março de 1549, pouco tempo depois da fundação d'essa primeira metropole do Brazil, escrevia ao padre Preposito do collegio de S. Antão em Lisboa muitas queixas sobre a mistura de negros e negras na nova povoação; dizendo que assim se innoculava no Brazil o fatal cancro da escravatura, fonte de immoralidade e de ruína. Sabe-se além d'isto que os negros eram para ali enviados da Africa, a fim de se darem aos soldados, descontando-se o seu valor pelos seus soldos.

A experiencia nos mostra, que os índios são aptos para todos os trabalhos, a que se applicarem, ou em terra, ou nos rios e mares. O que hoje fazem os negros, elles o faziam, posto que violentados, e por isso mesmo sem proveito de seu adiantamento. Parece que o primeiro cuidado, que deveríamos ter, para os fazer passar do estado nomade, em que vivem quasi todos, para o de pastor e agricultor, deveria ser convertê-los á religião christã, e crear nelles certas necessidades, que os obrigassem a pequenos trabalhos, com que houvessem os objectos então necessarios. Este commercio seria de certo um de seus mais fortes vinculos sociaes; e ainda que seja mui difficil crear novos habitos em homens totalmente filhos da Natureza, todavia esses habitos iriam nascendo em seus filhos, aperfeiçoando-se pela nossa communicação, e avigorando-se pelo correr dos tempos. Se este systema não fosse interrompido pelas causas, que temos apontado, veríamos ainda existentes muitas povoações indígenas, que de todo se extinguiram. As gerações d'esses, que os Jesuitas principiaram a civilisar, pugnando tanto pela sua liberdade, e contra o máo tratamento, que se lhes dava, hoje estariam crescidas e civilizadas, a ponto de servirem por estipendio em nossos campos. Em alguns lugares do Brazil, os índios, em tempo opportuno, descem da suas brenhas para fazerem as nossas derrubadas, a troco de alguns generos, que precisam. Não ha muitos annos, que no districto de Cantagallo appareciam no tempo das derrubadas os índios dos sertões da Pomba, offerecendo os seus serviços aos fazendeiros, que d'ollos se aproveitavam, precedendo ajustes. De uma vez se lhes communicou a bexiga, em um rancho publico de uns negros novos, que por ahi se mandavam a Minas. Foi tal o seu horror, feridos d'esse mal, que arripiaram carreira, deixando alguns mortos pela estrada, e nunca mais voltaram. Lembramos este facto para provarmos que elles não são tão avessos ao trabalho, como os pretendem pintar os patronos da escravidão africana, e para que se veja que se forem removidas certas causas do seu



horror e desconfiança; se fôrem bem tratados cumprindo-se fielmente as convenções, que com elles se fizerem; se fôrem docemente chamados a um commercio vantajoso e a uma communicação civilisadora, teremos, senão nos que hoje existem habitua-dos á sua vida nomade, ao menos em seus filhos e em seus netos, uma classe trabalhadora, que nos dispense a dos Africanos.

Talvez não seja mui longe da verdade o dizer-se, que os nossos lavradores, acostumados a servirem-se de escravos como de machinas, voltaram-se para os negros, quando não tiveram mais indios, que empregassem como força bruta. Os pobres negros, fóra de seu paiz natal, são menos aptos aos nossos tra-balhos, do que os indios; e o beneficio da liberdade, que elles receberam, depois de tantas leis que ficam citadas, tornou-se de pouco ou de nenhum fructo pela falta de catechese, e de um systema bem concertado de civilisação. A necessidade de tra-balhadores obrigaria os fazendeiros a ser mais humanos com os indios livres, se lhes não tivesse sido facil comprar negros para os substituir em suas lavouras. Os negros, portanto, servem de embaraço á civilisação dos indios; e o que mais é, servem não pouco de retardar a nossa propria civilisação, o que deixa de tratar, por não ser d'este programma.

Qual seja, porém, o prejuizo, que soffre a lavoura brasileira, entregue a braços de escravos, é facil de conjecturar-se pela pouca perfeição e adiantamento, que sempre se encontra em trabalhos forçados. Um celebre economista inglez demonstrou quanto atrasada foi sempre a industria na Europa, enquanto parecia exclusiva de trabalhadores escravos. Cessaram estes, e a intelligencia humana voou a uma esphera mais clara, e as riquezas se desembaraçaram em muitos canaes, até então ignorados. Confessamos que os grilhões de uma miseravel ro-tina nos embarga na carreira dos progressos industriaes, que a tantos povos tem felicidade; e não queremos ver na escrava-tura africana um grande instrumento d'essa detestavel rotina. Mas quando quizessemos, ainda por outro lado, provar o grande prejuizo, que soffre a nossa lavoura, trabalhada por negros, lembrariamos os immensos capitães que se perdem na sua compra; capitães, que poderiam ser melhor empregados, usan-do-se de braços livres, e sem o menor risco pela morte dos trabalhadores.

Do que temos expendido colhe-se com bastante clareza, que a escravidão dos indios embaraçou muito a sua civilisação; que a dos negros torna infructifera a liberdade, a que fôram restituídos pelas leis; pois que, desconfiados dos mãos trata-mentos, que sempre recebêram, embrenharam-se nos sertões, recusando trabalhar. A escravidão dos negros nem aproveita á civilisação dos indios, nem á sua propria, nem aos progressos da nossa industria; os damnos que d'ahi resultam são desgra-çadamente conhecidos, e só a cobiça poderá negar resultados que a intelligencia, ainda a menos perspicaz, percebe e calcula. Só a cobiça poderá combater com seus costumados sophismas os argumentos, que sobre tal objecto por tantas vezes se tem pu-



blicado. Deixaremos a tarefa de os refutar, a quem se occupe especialmente d'esse assumpto; esperando tambem que pennas mais bem aparadas nos tracem algum plano, que mais aproveite á civilisação dos indigenas, e que nos forre ao perigo de introduzir no Brazil livre a raça africana, que temos escravizado com offensa da humanidade e retardamento da nossa agricultura; porque, como diz o economista hespanhol Bernardo Ward: — ella não medra onde o que trabalha não colhe, e o que colhe não goza do fructo de seu trabalho.

NOVO TRABALHO DO SOCIO SR. JOSE' SILVESTRE REBELLO

Em uma das nossas sessões anteriores foi tirado por sorte, e lido o programma seguinte:

« Se a introdução de africanos no Brazil serve de embaraçar a civilisação dos indios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuizo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos? »

Sobre este interessante assumpto já leu o nosso illustre socio, o Sr. J. da C. Barbosa, uma memoria, na qual o programma está optimamente elucidado e demonstrado; comtudo resolvi-me a dizer sobre o mesmo alguma cousa, ainda que pouco, não para paténtejar muitas novas idéas, mas sim e unicamente como um *post scriptum* á mesma optima Memoria.

A primeira idéa de fazer commercio de escravos na America foi suscitada por Christovam Colombo, que a descobriu, e a quem o mundo deve este grande serviço. Foi elle que no regresso da segunda Frota de S. Domingos para a Hespanha, em 1494, commandada por um tal Torres, propoz aos commerciantes de Sevilha, que, como objecto de commercio, achariam elles na cidade, então nascendo, de Izabella, caralibbes barbaros tomados prisioneiros em legitima guerra, e que seriam trocados por animaes e ferramentas importados da Europa, tendo em vista o mesmo Colombo, que os selvagens chegados á Europa seriam convertidos, baptizados, e postos em caminho da salvação; e foi pela mesma Frota, que elle mandou quinhentos indios prisioneiros, para serem vendidos como escravos, e o seu valor servir para indemnisar o thesouro dos soberanos, das despesas até ali feitas com a nova descoberta, e para pagar as quaes, ainda as já conhecidas minas de Cibão não tinham podido ser trabalhadas; e deve servir de desculpa ao mesmo grande homem as seguintes palavras do tambem celebrado Las-Casas: — Se os homens piedosos e sabios, cujos conselhos e instruções serviam de guia aos soberanos Elizabeth e Fernando, ignoravam a injustiça de um tal acto, ninguém se deve admirar de que o illiterato almirante não sentisse o choque consciencioso da sua impropriedade.

Na chegada da Frota a Sevilha vieram ordens da côrte para se venderem os indios como escravos; comtudo o piedoso coração de Elizabeth fez com que esta ordem fosse depois con-